

PEDRO E O CAPITÃO

MARIO BENEDETTI

1979

Tradução de Andressa Molinari, Eveline Teles, Gabriel Dauer, Isabel Bastos, Luíza
Helena Virgílio, Marina Andrade, Tiago Mocellin, Vitória Eula

Revisão de Tamara Traldi e Wellington Bauer

Oirã – Grupo de Pesquisa e Extensão em Cooperação Regional

Universidade Federal de Santa Catarina

Maio 2013

PARTE 1

Cenário livre: uma cadeira, uma mesa, uma cadeira de balanço. Sobre a mesa há um telefone. Em uma das paredes há uma pia com sabão, copo, toalha etc. A janela é alta e com grades. Entretanto, não deve dar a impressão de uma cela, mas sim de uma sala de interrogatório.

PEDRO entra amarrado e com capuz, empurrado por seus supostos guardas e soldados, os quais não são vistos. Torna-se evidente as agressões sofridas provenientes de uma primeira seção leve de lesões físicas. PEDRO fica em pé imóvel onde o deixaram, esperando por algo, talvez mais castigos. Passaram-se alguns minutos e com isso entra o CAPITÃO impecável: uniformizado, com a cabeça descoberta, bem penteado, com ar de suficiência. Aproxima-se de PEDRO e o toma pelo braço sem violência. Perante o contato, PEDRO, intuitivamente, faz um movimento de defesa.

Capitão

Não tenhas medo. É só para te mostrar onde está a cadeira.

O guia até a cadeira e o faz sentar. Pedro continua rígido e desconfiado. O Capitão vai à mesa, revisa alguns papeis e logo se senta.

Capitão

Parece que te bateram de leve. Não falaste, é claro.

PEDRO mantém o silêncio.

Capitão

Isso sempre acontece na primeira sessão. Inclusive, é bom que não fale logo na entrada. Eu também não falaria de primeira. Depois de tudo, não é tão difícil aguentar umas pancadas e isso ajuda que se sintam bem. Verdade que te sentiste bem por não haver falado?

Silêncio de PEDRO.

Capitão

Logo a coisa muda, porque os castigos vão sendo cada vez mais duros. No final todos falam. Para ser franco, o único silêncio que eu aceito é o da primeira sessão. Depois é masoquismo. A conta que tens que fazer é se vais falar quando te quebrarem os dentes ou quando te arrancarem as unhas ou quando vomitares sangue ou quando... Ah, o que vem a seguir? Bem, você conhece o repertório, já que constantemente vocês o publicam aos mínimos detalhes. Todos falam garoto. Mas uns acabam mais inteiros do que outros. Refiro-me ao físico, logicamente. Tudo depende em que etapa decide abrir a boca. Você já se decidiu?

Silêncio de PEDRO.

Capitão

Olhe Pedro... Ou preferes que te chames de Romulo, como és conhecido no seu grupo? Não, eu vou te chamar de Pedro, porque aqui é a hora da verdade e meu estilo é, acima de tudo, a franqueza. Olhe Pedro, eu entendo tua situação. Não é fácil para ti. Levava uma vida relativamente normal. Digo normal considerando o que são esses tempos. Uma mulher linda e jovem. Um garoto saudável. Teus velhos continuam animados. Um bom emprego no banco. A casinha que tu ergueste com o próprio esforço. (mudando o tom). A propósito, por que será que a gente da classe média, como eu e você, temos tão enraizado o ideal da casa própria? Por acaso vocês pensaram nisso quando se propuseram a criar uma sociedade sem propriedade privada? Pelo menos nesse ponto, o da casa própria, nada vai apoiá-los. (retomando o tom). Ou seja, você tinha uma vida simples, mas completa. E, do nada, uns tipos bateram na tua porta de madrugada e te arrancaram dessa plenitude e ainda por cima te dão uma tremenda surra. Como não vou me colocar em sua situação? Seria desumano se não entendesse. E não sou desumano, te asseguro. Agora, te esclareço que, aqui mesmo, há outros que são quase desumanos. Contudo, tu ainda não os conhecestes, mas talvez os conheças. Não me refiro aos que antes o capturaram. Não, tem outros que são tremendos. Confesso-te que não poderia fazer esse trabalho sujo. Para ser honesto tem que ter nascido honesto. Faz parte da guerra. Também vós tendes, imagino trabalhos limpos e trabalhos sujos. É assim ou não? Eu sou frouxo, talvez eu realmente o seja, mas prefiro o trabalho limpo. Como este: sentar-me aqui e conversar contigo, e não recorrer à briga, nem ao submarino, nem ao plantão, se não existe razão. Minha especialidade não é o

choque elétrico, mas sim o argumento. O choque pode ser manejado de qualquer maneira, mas para manejar o argumento tem que ter outro nível. Concordas? Por isso também eu ganho um pouco mais que os homens elétricos. (Da um golpe para frente, como que surpreendido pela sua habilidade verbal.). Os homens elétricos! Como tu achas que são? Como nunca me ocorreu de chamá-los assim? Esta noite no cassino contarei ao Coronel: ele tem senso de humor, irá gostar. (se cala um momento. Olha para PEDRO, que continua imóvel e calado). Se estiver cansado da posição, podes cruzar a perna. (PEDRO não se move.) Parece que optaste por uma resistência passiva. O fraco Gandhi sabia muito sobre isso. Mas uma coisa eram hindus contra ingleses e outra, muito diferente, são vós contra nós. A resistência passiva hoje em dia não resulta, nem resolve nada. É como te disse antiquado. Desde que os Yankees – viu que eu digo Yankees, igual a vós?- impuseram seu estilo tão eficaz de repressão, que a resistência passiva se foi ao caralho. Agora o negócio é a morte. Por isso acredito que, mesmo nessa primeira etapa, não te convém ser teimoso. Percebes que nem sequer me contestas quando te pergunto alguma coisa. Isso não está bem. Porque, como havia observado, não estou aqui para te maltratar, senão simplesmente para falar contigo. Vamos ver, porque esse silêncio? Será um silêncio depreciativo? Consideramos que sim. Aqui, nesta guerra, todos nós nos desprezamos um pouco. Vós e nós, nós e vós. De qualquer forma somos inimigos. Por outro lado, também nos apreciamos. Nós não podemos deixar de apreciar- vos pela paixão com que se entregam a causa, como arriscam tudo por ela: desde o conforto até a família, desde o trabalho até a vida. Não entendemos muito o sentido desse sacrifício, mas te asseguro que o apreciamos. Em compensação, tenho a impressão de que um pouco da violência que fazemos a nós mesmos quando temos que castigá-los, às vezes até arruiná-los, a vós que apesar de tudo são nossos compatriotas, e acima de tudo compatriotas jovens. Parece-te pouco sacrifício? Também somos seres humanos e gostaríamos estar em casa, tranquilos, relaxados e descansados, lendo um bom livro policial e assistindo televisão. Porém, temos que permanecer aqui, cumprindo horas extras, para fazer essa gente sofrer, ou, no meu caso, para falar com essa mesma gente entre sofrimento e sofrimento. Meu tempo é um intermédio, viu? (mudando o tom.). Gostas de música, de ópera? Já sei que não vais me responder... Por enquanto (retomando o tom.). Mas o que queria lhe dizer é que suspeito que vós aprecieis, não sei se consciente ou inconscientemente, a paixão que nós, de nossa parte,

depositamos em nosso trabalho. É assim? (Pela primeira vez, o tom da pergunta começa a ser ameaçador. PEDRO não responde nem se move.). Deixa-me ver... A vós não tenho que explicar as regras do jogo. Tu as conheces bem e até sei que recebeis aulas para enfrentar situações como essas que vives agora. Ou não sabes que entre nós há interrogadores “maus”, quase brutais, esses que são capazes de arruinar o detento, e há também os “bons”, que recebem o preso quando ele vem cansado do castigo brutal e vão pouco a pouco o amolecendo? Sabes, não é? Então te deste conta de que eu sou o “bom”. Desse modo tu tens que aproveitar. Sou o único que pode te aliviar a surra, rapidez nos plantões, suspensão de choques elétricos, melhora nas comidas, um ou outro cigarro... Pelo menos sabes que, enquanto estás aqui, comigo, não tens que manter todos os músculos e nervos tensos, nem fazer cálculos sobre quando e donde virá o próximo golpe. Sou algo como o teu descanso, teu alívio. Não sabes? Então não acredito que seja o mais adequado que você encerre o seu silêncio absurdo. Conversando a gente se entende, dizia meu velho, que era rematador, ou seja, que tinha suas boas razões para confiar no uso da palavra. Digo-te isto para que tenhas uma composição do lugar e não ultrapasse teus direitos, se não queres que eu ultrapasse meus deveres. Posso respeitar o direito que tens de calar-se em minha frente, que não tenho a intenção de tocar-te. Mas não quero que saibas que não estou disposto de fazer papel de estúpido cedendo e cedendo meu desfecho, e vós aí, calado como um poste. Também não espere o impossível da parte do “bom”. Sobretudo quando o “bom” conhece alguns detalhes da tua trajetória. Pedro, aliás, Rômulo. Mas, - e para que não te tortures além do que vão te torturar-, te direi que não tem nenhuma necessidade de falar de Tomás, nem de Cassandra, nem de Alfonso. A historia deles já tem completa. Não nos falta nenhum ponto, nenhuma vírgula, nem sequer um parênteses. Para que vamos quebrar o seu pescoço pedindo dados que já temos e verificamos? Seria sadismo, e nós não somos sádicos, senão pragmáticos. Em troca, sabemos pouco de Gabriel, de Rosario, de Magdalena e de Fermín. Em alguns desses casos, nem sequer sabemos o nome real e o domicílio. Vejas que margem ampla tu tens para nos ajudar. Agora, porém, para completar as quatro abas, e, como sabemos, com certeza que você é, nesse sentido, o homem-chave, estamos dispostos – não eu, pessoalmente, digo nós como instituição – só não vai quebrar seu pescoço, mas senão os ovos, os pulmões, o fígado e até a auréola de santo que alguma vez quiseste usar, mas te parece grande. Como vês, coloco as

cartas sobre a mesa. Não poderás me acusar de mentiroso nem de ambíguo. Está é a situação. E como, de alguma maneira, me és simpático, te digo claramente para que saibas que és respeitado. Ou seja, que eu tenho simpatia por ti, mas não lástima nem piedade. E por suposto há aqui, nesta unidade militar- que nunca saberá qual é-, gente que, por principio e sem necessidade de saber nada de vós, não tem simpatia por ti, e são capazes de levar-te até o último minuto. E não só a vós. Eles, os da linha dura, preferem às vezes trazer a esposa do acusado, e, como te direi, “perfura-la” em sua presença, e até tem aqueles que são partidários da técnica brasileira de fazer os filhos sofrerem diante dos pais, sobretudo de sua mãe. Tu imaginas que eu não me associo a esses extremos, me parecem simplesmente desumanos, mas vamos ser objetivos, temos que admitir que tais extremos constituam uma realidade, uma possibilidade, e não me sentiria bem se não tivesse te avisado e um dia te encontraria com algum orangotango, como esses que antes te deram uma surra de introdução, violaram frente a vós a essa linda garota que és tua mulherzinha. Chama-se Aurora, não? Asseguro que nesse caso te tirariam o capuz. São orangotangos, mas refinados. Quanto tempo tem de casado? É verdade que no último dia vinte e dois de outubro celebraste teus oito anos de matrimônio? A Aurora gostou da correntinha de ouro que tu compraste na Rua Sarandí? E o que me conta se chegam a trazer o Andresito e começam a tortura-lo na tua presença? Este último, como te dizia, ainda não foi aprovado como recurso, mas os assessores o tem estudado, e, claro, sempre haverá algum que terá que ser o primeiro. Nunca estarei de acordo com esses procedimentos, porque confio plenamente no poder de persuasão que tem um ser humano frente a outro ser humano. Mas, acho que os homens elétricos usam os choques elétricos porque não tem confiança em seu poder de persuasão. E, além disso, consideram o preso um objeto, uma coisa na qual vão pressionar por procedimentos mecânicos, a fim de que ele libere todas as suas substâncias. Eu, ao contrário, nunca perco de vista que o detento é um ser humano como eu. Equivocado, mas ser humano! Tu, por exemplo, assim como estás, calado e imóvel, poderia ser simplesmente uma coisa. Talvez o que estás tentando é coisificar em minha frente, mas por mais quieto e mudo que permaneças, eu sei que não és um objeto, eu sei que és um ser humano, e, sobretudo um ser humano com pontos sensíveis. Pontos sensíveis que, claro, as coisas não possuem. (Pausa). Já pensaste nos ovos, claro! Quando alguém fala de pontos sensíveis, é de praxe: as mulheres pensam nos seios, e os homens nos ovos. Um fato que é muito

importante não esquecer. Já dizia o pobre Mitriane, que sabia de tudo: “dor é preciso, no lugar certo, na medida certa e, com efeito,”. É claro que, segundo o ponto de vista de tuas respeitáveis convicções, é bravo expor a si mesmo a mera possibilidade de falar, de entregar dados, referências. Não é simpático que alguém o acuse de traidor. Mas aqui há um elemento que por acaso vós ignoreis. Um tratamento que disponibilizamos apenas a gente que nos caem bem, como vós, rapaz. Damos-te a possibilidade de que nos ajudes sem ficar de mal com teus companheiros. Que você acha? Melhor impossível. Parecer-te-á vaidade da minha parte, mas para nós nada é impossível. Queres que eu te explique? O plano tem quatro partes. Primeira: tu falas quanto antes melhor, assim não temos necessidade de ameaçar-te: dizes-nos tudo, tudinho, sobre Gabriel, Rosario, Magdalena e Fermín. Veja que poderíamos dar-te uma lista com vinte nomes, entretanto, bons como somos, incluímos somente quatro. Quatro, te dás conta? Uma barganha. Segundo. Terminamos alguns procedimentos, com as informações que espontaneamente, entende? Espontaneamente, nos proporcionaria. É claro que esses procedimentos nos servem, entre outras coisas, para comprovar se está efetivamente colaborando ou ao contrário está nos enganando. Não te aconselho a segunda opção. Se, ao contrário, confirmarmos a primeira, não te soltaremos em seguida. Isso para o teu bem, para que teus companheiros não suspeitem. Deixamos passar um tempo e depois te soltamos. Lindo, não? Terceiro. Inventamos um documento em código ou uma lista de telefones ou qualquer outra coisa que entraríamos em acordo, e fazemos que o ataque foi devido ao descobrimento fortuito dessa lista ou o que seja, e sobre toda a nossa capacidade dedutiva, assim terminamos bem. Como vós estais divididos, cada parte acreditará que a lista vem de outro informante. Quatro. Soltamos-te por finalmente, e vós quando te juntar aos outros, digas que negaste tudo com tanta firmeza que nos convencera de tua inocência. O que tu acha? (PEDRO continua imóvel). Advirto-te que não podes esperar uma solução melhor que a que te propus. Tem em conta que nunca foi empregado até agora, de modo que as suspeitas sobre vós não terão fundamento. Mas tenho a impressão de que sairás favorecido quanto a prestígio e autoridade. E além do mais te livrará de toda essa imundície. És muito jovem para destruir-te, para arruinar-te. Poderias voltar com Aurora e com a criança. Não te dá água na boca? Aurora te receberia como herói, e, claro, no início teria algum remorso, mas com uma mulher como a tua, os remorsos se esvaem na cama. Isso sim, tu tens que me

responder. Até agora suportei que não dissera nada. Mas, poucos detentos tem o privilégio de receber uma proposta tão generosa. Por que tem me caído tão bem? De maneira que terá que me responder. Para que vós e eu saibamos a que nos atemos. Concretizemos, pois; frente a essa proposta, estás disposto a falar, estás disposto a dar-nos alguma informação que te pedimos? (se faz um grande silencio. PEDRO continua imóvel. O CAPITÃO sobe o tom). Estás disposto a falar? (O capuz de PEDRO se move negativamente).

PARTE 2

O mesmo cenário.

Passados uns minutos, Pedro amarrado e com capuz é novamente colocado em cena, como na cena anterior, mas com mais violência. Agora está mais deteriorado. É evidente que o castigo sofrido tenha sido severo. Pedro busca a cadeira com as mãos. Por fim a encontra e senta com dificuldade. De vez em quando sai de sua boca um gemido quase inaudível. Entra o Capitão: aparência e roupa igual à cena anterior. Observa cuidadosamente Pedro, fazendo um inventário de suas novas contusões e feridas.

Capitão (Em pé, com as pernas abertas e os braços cruzados).

Viu? Já começou a aumentar. Não poderás dizer que não te avisei. Veja que bestas que são estes subordinados! E tens que deixá-los fazer. Ao contrário, é provável que nos revidem. (Pausa). Não acreditas? Não estou brincando. Mas a verdade é que há mais de um oficial que amedrontam. (Pausa). Então? Dei-te tempo para pensar. Pensou? (Silêncio e imobilidade de Pedro.) Eu te digo uma coisa. Não creio que vamos seguir todo um semestre nesta situação, digamos estagnada. Por um lado, não acredito que seu corpo aguentará por muito tempo. Não é o que se diz de um atleta. Não me refiro a mais perguntas, claro, mas sim aos choques elétricos. (Mudando de tom.) A propósito, minha piada fez muita graça ao coronel. Não apenas riu, mas também me disse: “Capitão, temos que cuidar para que não haja nenhum apagão. A piada não é boa, mas o que eu ia fazer. (Retomando a conversa.) O que estava dizendo? Ah, sim, que estávamos estagnados. Por mim, quero sair desta estagnação. Imagino que você também. Por isso decidi colocar um elemento novo na situação. (Pausa.) Não tem curiosidade? O que será? Uma testemunha? Alguém que te delatou? (Nova pausa, para criar expectativa.) Não, nada disso. O novo elemento será seus olhos. Quero que vejas e que eu posso ver como você vê. (Aborda Pedro e de uma vez retira o capuz. Pedro está ferido e marcas de golpes na face. Abre e fecha várias vezes os olhos). Bom, bom. (Sorrisos.) Muito bem. É melhor nos vermos cara a cara, não? Nunca gostei de falar com um saco de pano. Há alguns colegas que não querem te ver preso. E alguns

tem razão. O castigo gera rancor, e nunca sabemos o que pode nos trazer no futuro. Quem te disse que algum dia esta situação se inverta e que você me interrogue. Se isso vier a acontecer, te prometo que vou colaborar mais que você. Mas não vai ocorrer, não se iluda. Temos tomado todas as precauções para que não ocorra. Por outro lado, não me preocupo que conheça meu rosto. O máximo que podemos culpar é o que eu estava perguntando e perguntando, mas penso que não gera rancor, creio. Ou é gerado? (Pausa.) Ah sim, sem capuz, é mais difícil falar, verdade?

Pedro

Sim.

Capitão

Caramba! Primeira sílaba. Toda uma concessão. Parabéns!

Pedro (Tem certa dificuldade ao falar, por causa do inchaço da boca).

Quero esclarecer que o fato de você não participar diretamente na minha tortura, não garante que eu te odeie, nem sequer que te odeie menos.

Capitão (Se surpreende um pouco, mas reage).

Está bem. Eu gosto de jogo limpo.

Pedro:

Não, você não gosta. Mas não importa. Quero dizer também, que com o capuz não abri a boca porque tenho um mínimo de dignidade e que não estou disposto a renunciar, e o capuz é algo indigno.

Capitão (Depois de um silêncio)

Isso de ódio, por que disse isso?

Pedro

Por que eu disse?

Capitão

Sim, pude compreender o que sente. Em troca, não pude compreender que me disse isso assim, descaradamente. Aqui eu estou por cima, e você está por baixo. Esqueceu?

Pedro

Não, não me esqueci.

Capitão

Eu mostro ódio, gero ódio.

Pedro

Claro.

Capitão

Vou avisar que não vou entrar nesse jogo. Sou cristão, mas não costumo dar a outra face.

Pedro

Por suposto. O fato que eu coloquei fui eu, e olha o que eu tenho. As bochechas e as costas e as pernas e as unhas.

Capitão

E amanhã os ovos.

Pedro

Se você diz.

Capitão

Digo-te, mando e os outros cumprem. O que você acha? (Gesto de Pedro. O capitão solta uma risadinha.) De toda maneira, te aconselho que não me provoque, sou de pouca paciência, sabe?

Pedro

Eu sei. Talvez eu saiba mais de você do que você de mim.

Capitão (Irônico)

Não me digas!

Pedro

Sim eu digo. Em sua ânsia de sugar tudo o que eu sei e o que eu não sei, você não percebeu que mostra quem você é.

Capitão

E como eu sou?

Pedro:

Bah...

Capitão

Parece que eu te perguntei como eu sou.

Pedro

Sim, eu sei. Mas é absurdo. Coloca-me em preso, faz com que me arreentem e ainda por cima quer que eu sirva de analista. Isso não!

Capitão

Depois de tudo, eu imagino como eu sou.

Pedro

Então eu estou de acordo com esse autodiagnóstico.

Capitão

E se eu me imagino nobre e digno?

Pedro

Sabe o que é? Você não pode se passar por um elétrico. (Pausa muito breve.) Não se pode imaginar nobre e digno.

Capitão (Gritando)

Cala-te!

Pedro

Como? Não queria que eu falasse? E agora que decido falar...

Capitão (Mais baixo, mas concentrado).

Cala-te, estúpido.

Pedro

Está bem.

Capitão (Depois de um tempo, mais calmo, como se reconsiderasse)

Depois de tudo, não me considero nobre ou digno. Mas a quem importa minha nobreza e minha dignidade? Em? A quem?

Pedro

Deveria lhe importar. O que me é...

Capitão

Isto também está nas instruções? Estabelecer uma distância saudável com o interrogador?

Pedro

É você quem estabelece a distância. Como pode haver comunicação, aproximação, diálogo, entre um torturado e seu torturador?

Capitão (Com certo alarme)

Eu nem sequer te toquei.

Pedro

Sim, já sei; é “o bom”. Mas há aqui “bons” e “maus”? Você não será como o mastodonte que me faz o submarino, como a besta que me aplica o choque elétrico? A mesma engrenagem, a mesma máquina? Por acaso você mesmo pode crer que haja diferença?

Capitão

Estás passando de insolente.

Pedro

Então volto a me calar.

Capitão (Depois de um silêncio)

E não queres me perguntar nada?

Pedro

Eu perguntar?

Capitão

Sim, você perguntar.

Pedro

Do que se trata? Uma nova técnica pós Mitrione?

Capitão

Na melhor das hipóteses

Pedro (Reconsiderando)

Bem, vou te perguntar: tem família?

Capitão (Surpreendido)

Por que te importa?

Pedro

Não me importa nada. A quem deve importar, se tiver uma, é a você.

Capitão

Estás me ameaçando?

Pedro

Isso se chama deformação profissional! Vocês, quando se recordam da família de alguém é sempre para ameaçar.

Capitão

E então para que queres saber?

Pedro

Porque se tens pais, mulher e filhos é terrível para ti quando voltas para casa.

Capitão (Gritando)

O que dissestes?

Pedro

Explico-me. Deve ser terrível para você, depois de interrogar um recém-torturado, dar um beijo na sua mulher ou em seu filho, se tem algum.

O capitão se levanta e dá um soco na boca de Pedro.

Pedro (Move os lábios e fala com mais dificuldade que antes).

Menos mal que você é o bom.

Capitão

Tudo tem seu limite.

Pedro

Vai se arruinar Capitão. Não esqueça que “o bom” não pode nem deve executar golpes em um homem amarrado. (Pausa) De todas as maneiras te comunico que não podes competir com teus colegas da noite. Eles fazem muito melhor. E é lógico. O que eles fazem eletricamente, você faz com sangue. Assim não se pode competir.

Capitão

Disse que basta.

Pedro

Não brigarão quando se derem conta de que perdestes a calma? Violou as regras Capitão.

Capitão (Falando entre dentes).

Olhe pirralho, cale-se.

Pedro

Não gostou da parte da família, não é? Primeiro: quer dizer que tem uma. Segundo: que não é tão insensível.

Capitão (Mais calmo)

Vais falar então?

Pedro

Estou falando, não estou?

Capitão

Sabes a que me refiro.

Pedro

Capitão, não tire conclusões precipitadas.

Capitão (Desorientado)

Mas por quê? Por quê? (Gesto de Pedro.) Não te dás conta, cretino, de que estão te usando? Não te dás conta de que outros põem as ideias e tu pões a cara?

Pedro

Essa frase é ótima. De onde a tiraste? (Pausa.) Inclusive às vezes pode estar certa.

Capitão

E então?

Pedro

Então, nada. O essencial não é o defeito individual...

Capitão (Concluindo a frase)

... E sim a vontade do coletivo. Parágrafo sete, inciso A, da declaração interna que vocês analisaram em agosto.

Pedro

E se conhecem a declaração de agosto, para que toda esta farsa?

Capitão

Uma coisa é a declaração, e outra é você.

Pedro

Ou seja, que temos um delator.

Capitão

Por que não? O que esperavas?

Pedro

E como que não lhes disse tudo sobre Gabriel, Rosário, Madalena e Fermín?

Capitão

Porque não sabe.

Pedro

Ah.

Capitão

Por outro lado, sabia sim de ti e por isso caístes. Além disso, nos disseram que você sabia sobre os outros quatro.

Pedro

Ah.

Capitão (Depois de um longo silêncio)

Diga-me algo, sabes o que te espera?

Pedro

Posso imaginar.

Capitão

Talvez seja muito pior do que imaginas. Diariamente fazemos progressos.

Pedro

O que imagino sempre é pior.

Capitão

Mas o que és? Um suicida?

Pedro

Nada disso. Eu gosto de viver.

Capitão

Viver aprisionado?

Pedro

Não, simplesmente viver.

Capitão

Ofereço-te que vivas, simplesmente.

Pedro

Não, simplesmente não. Você me oferece que eu viva como um morto. E antes disso, prefiro morrer como um vivo.

Capitão

Bah, frases.

Pedro

Eu a disse de propósito. Pensei que gostaria. Vocês, quando fazem um discurso, falam sempre enfaticamente.

Capitão

Antes me perguntastes da família. Sim, tenho uma mulher e um casal de filhos. O menino tem sete anos; a menina, cinco. É certo que às vezes, quando chego do trabalho, é difícil enfrentá-los. Aqui não torturo, mas ouço muitos gritos, gemidos devastadores, bramidos de desespero. Às vezes chego com os nervos destroçados. Minhas mãos tremem. Não sirvo muito para este trabalho, mas estou 'aprisionado'. E então encontro apenas uma justificativa para o que faço: conseguir que o preso fale. Conseguir que nos dê a informação da qual precisamos. É claro que sempre prefiro que fale sem que ninguém o toque. Mas assim não dá, não vem nada. Nas vezes que conseguimos algo, é sempre com a máquina. É lógico que se sofre vendo outros sofrerem. Dissestes que não era insensível, e é certo. Então, veja, a única maneira de me redimir ante as crianças é estar consciente de que estou conseguindo o objetivo que me atribuíram: obter informação. Mesmo que tenhamos que destruir vocês. É vida ou morte. Ou destruimos vocês ou nos destroem. Vida ou morte. Você colocou o dedo na ferida quando mencionou minha família. Mas também me fizeste recordar que de qualquer maneira, tenho que te fazer falar. Porque só assim me sentirei bem ante minha mulher e filhos. Só me sentirei bem se cumprir minha função, se alcançar meu objetivo. Porque do contrário, serei efetivamente um cruel, um sádico, desumano, porque terei ordenado que te torturem para nada, e isso é uma porcaria que não suporto.

Pedro (Olha para ele com certa curiosidade, com um interesse quase científico, como quem examina uma espécie extinguida)

Algo mais?

Capitão

Sim, uma pergunta. É a mesma de antes, mas aspiro que agora entendas melhor, confio que te dê conta de toda a vida que ponho atrás dela. Falarás?

Pedro (Ainda estupefato ante a indagação do Capitão, mas sem perder nada de sua força).

Não, Capitão.

PARTE 3

O mesmo cenário.

O CAPITÃO está na cadeira, mexendo-a inquietamente pra trás e para frente. Ele perdeu a compostura das cenas anteriores. Está desgrenhado, desabotoou a camisa e afrouxou a gravata. Inclina-se sobre a mesa e pega o telefone.

CAPITÃO

Traga-o! (Desliga o telefone)

Novamente volta a balançar-se na sua cadeira. Às vezes parece respirar com dificuldade. Decorrem vários minutos. Ruídos são ouvidos nas proximidades. PEDRO é jogado no ambiente. Está usando o capuz. As roupas estão rasgadas e bastante manchadas de sangue. Ele está deitado no chão, imóvel. O CAPITÃO chega perto. Sem tirar-lhe o capuz, vê seus múltiplos ferimentos e contusões. Pega um dos braços de PEDRO. Ouve um gemido rouco. Em seguida o solta. Parece desorientado e longe daquele corpo.

CAPITÃO

Pedro!

O corpo não responde, mas tenta movimentar-se. O CAPITÃO se aproxima novamente, e desta vez o segura com força e o leva até a cadeira. Mas o corpo de PEDRO se inclina para o lado. O CAPITÃO volta a acomodá-lo na cadeira. Quando verifica que, finalmente, tem estabilidade, retorna para a sua cadeira e a balança novamente. Sob o capuz é emitido algum barulho, mas a princípio não há como distinguir se está rindo ou chorando. O corpo treme. O CAPITÃO suspende o balanço de sua cadeira, e espera tenso. Mas o barulho é confuso, ambíguo. Em

seguida, ele se levanta, se dirige até PEDRO e em um movimento rápido, tira-lhe o capuz. Tem o rosto completamente deformado e inchado, mas ri.

CAPITÃO

Do que estás rindo, estúpido?

PEDRO (como se o CAPITÃO não tivesse falado com ele)

E em plena sessão de choque elétrico, veio o apagão, esse mesmo apagão que seu maldito coronel previu. E pobres, os mastodontes não sabiam o que fazer, porque sem corrente elétrica não são nada. E lá estava aquela garota com o fio na vagina, e quando veio o apagão, não sei como puderam lhe dar um chute. E a besta riscou um fósforo, mas o choque elétrico não funciona com fósforos. (A partir deste momento e durante quase toda a cena, PEDRO dará a impressão de alguém que delira, ou talvez, de alguém que simula estar delirando. É importante que se mantenha esta ambiguidade). Continua na banheira, claro, com sua água de merda e sua bosta boiando, mas é difícil fazer acontecer às escuras. A banheira não é elétrica, claro, mas às vezes utiliza corrente elétrica. E não é confortável fazer isso no meio de um apagão. No escuro, não há como saber quando o tipo não vai aguentar mais. O doutor precisa de boa iluminação para diagnosticar a proximidade de uma parada cardíaca. Assim, tiveram que suspender a sessão.

CAPITÃO

Pedro.

PEDRO

Chamo-me Rômulo.

CAPITÃO

Não, teu nome é Pedro.

PEDRO

Rômulo, pseudônimo Pedro.

CAPITÃO

Não me confunda. Pedro, pseudônimo Rômulo.

PEDRO

Nada.

CAPITÃO

Quê?

PEDRO

Nada, não tenho nome nem pseudônimo. Nada.

CAPITÃO

Pedro.

PEDRO

Pedro Nada. Nada é meu sobrenome materno. O senhor não sabia capitão? Então estou te revelando neste exato momento. O senhor não vai chamar o taquígrafo? É uma declaração importante. Ou o senhor está utilizando o gravador? Pedro Nada. E o meu sobrenome paterno é Mais. Ou seja, completinho: Pedro Nada Mais. (ri com dificuldade).

CAPITÃO (espera que PEDRO termine de rir)

O que há contigo?

PEDRO

Nada de importante. Estou morto. Adeus. A esta altura, a morte não me importa.

CAPITÃO

Estás vivo. E podes estar mais vivo ainda.

PEDRO

O senhor está errado, capitão. Estou morto. Estamos em meu velório.

CAPITÃO

Não seja tão delirante. Comigo, este teatro não funciona.

PEDRO

Não é teatro, capitão. Estou morto. Não sabes a tranquilidade que me veio quando soube que estava morto. Por isso agora não me importa que me apliquem choques, ou me mergulhem na merda, ou me deixem plantado esperando, ou que me

explodam os ovos. Não me importa porque estou morto e isso dá uma grande serenidade, e até uma grande alegria. Você não vê como estou contente?

CAPITÃO

És o primeiro morto que fala como um papagaio.

PEDRO

Muito bem capitão, excelente: você se deu conta da contradição. Estás treinando para a dialética, não é mesmo? Eu estou morto e eu falo como um papagaio. Bravo, capitão! Quem diria que chegarias a tão brilhante conclusão? Bravíssimo! Peço que conste na gravação minha vontade de aplaudir; não aplaudo, é claro, porque estou amarrado. (Pausa). Eu lhe devo uma explicação. Quero dizer que estou tecnicamente morto, mas ainda funciono como corpo, isto é, eu mijó, faço merda. Não diria que arrotó, porque como estou morrendo de fome, não tenho nada para arrotar. Pois bem, digo que estou tecnicamente morto porque não vão tirar de mim nenhum número de telefone, nem sequer o número da minha camisa, e, em consequência, vão continuar me batendo e espancando mais e mais. E este corpo frágil aguenta apenas um pouco mais, muito pouco mais. Como o senhor bem observou capitão, não sou um atleta. E como vão continuar me batendo, bom, por isso estou morto, tecnicamente morto. Entendeu capitão? O senhor não sabe a tranquilidade que me veio quando me dei conta. Tudo mudou. Por exemplo: tinha ódio do senhor, e em vez disso, uma vez que estou morto, agora tenho lástima. Sinto que pela primeira vez tenho uma vantagem considerável, diria quase imensurável.

CAPITÃO

Não fique tão seguro. Como sabes até onde aguentarás? Isso somente se sabe quando chega o momento. Aguentaste até agora. Mas já te disse antes que não chegamos ao máximo. Todos os dias descobrimos algo novo.

PEDRO

Reconheço que essa era a preocupação que tinha quando estava vivo: até onde eu poderia aguentar. Porque quando se está vivo, quer seguir vivendo e isso é sempre uma tentação perigosa. Em troca, a tentação se acaba quando se sabe que está morto.

CAPITÃO

E a dor?

PEDRO

Tá certo, e a dor? Como é importante a dor quando se está vivo. Mas que pouco significa a dor quando se está morto.

CAPITÃO

Você não está morto, caralho! (Pausa.) Mas talvez estejas louco.

PEDRO

Faço-te uma concessão, capitão: louco, porém, morto.

CAPITÃO

Ou te passas por vivo.

PEDRO

Outra observação sagaz, capitão! Porque ninguém pode se passar por morto.

CAPITÃO (impaciente)

Pedro!

PEDRO

Pedro Nada Mais.

CAPITÃO

Estou cagando para o teu nome completo!

PEDRO

Comunico que o senhor cagou em um cadáver, capitão, e que isto, em qualquer parte do mundo e sob qualquer regime, é desrespeitoso.

CAPITÃO (tentando levar o diálogo para um nível de mais normalidade)

Você tem que falar, Pedro. Vou ser franco contigo: comecei a me simpatizar por ti. Não quero que te machuquem mais.

PEDRO

Já me machucaram demais, capitão. O seu lapso de bondade chegou tarde. Sinto muito. Já não tenho mais fígado, e é provável que não tenha mais ovos. Pelo sim e pelo não, não conferi.

CAPITÃO

Não quero que eles te destruam.

PEDRO

Porque o senhor fala na terceira pessoa do plural?

CAPITÃO

Não quero que a gente te destrua.

PEDRO

Assim está melhor. Não gostas das ruínas? Digamos, Pompeia, Herculano, Machu Pichu, Pedro Nada Mais, etc.

CAPITÃO

Cala a boca!

PEDRO

Os que se calam são os vivos. Se lembra capitão, como me calavas quando eu estava vivo? Mas os mortos podem falar. Com a pouca língua, a garganta apertada, os quatro dentes, os lábios ensanguentados, com este pouco que vocês nos deixam, os mortos podem falar. (Pausa.) Da tua família, por exemplo.

CAPITÃO

Outra vez? Por que não falamos da tua?

PEDRO

Ou da minha, por que não?

CAPITÃO

Da tua mulher.

PEDRO

Da minha viúva, na verdade, Aurora...

CAPITÃO (cortando PEDRO)

Pseudônimo Beatriz.

PEDRO fica em silêncio. A cabeça cai sobre o peito

CAPITÃO (sorrindo)

Como? Não estavas morto? Parece que ainda tens reflexos.

PEDRO segue imóvel, sempre com a cabeça caída para frente.

CAPITÃO

Aurora, pseudônimo Beatriz. Não havia te dito que todos os dias colocamos as cartas sobre a mesa?

PEDRO vai de pouco a pouco levantando a cabeça, mas agora seu olhar está perdido em algum ponto distante. Começa a falar em tom muito baixo, quase como um sussurro, e em seguida, vai lentamente subindo a voz.

PEDRO

Quando eu era pequeno, sonhava com o mar. Agora que tenho doze anos, prefiro vê-lo. Nicolás disse que não é mar. Nicolás...

CAPITÃO (delimitando)

Pseudônimo Esteban...

PEDRO

Disse que é rio. Mas nos rios se vê sempre a outra margem e aqui não. E ademais não são salgados. E este é salgado. Assim eu o chamo mar. Chamo-no mar. E quando o chamo, afundo os pés na areia, e a areia se mete entre meus dedos. Faz-me cosquinhas.

CAPITÃO (como contagiado por PEDRO, ele também se transforma. Um e outro vão falando alternadamente, sem dialogar. Na realidade, são dois monólogos cruzados) Eu tinha que dar-lhe uma rosa. Não sei por que, mas tinha. Ela vinha com sua mãe e sua prima. Ela vinha e eu a via, mas eu tinha que dar a ela uma rosa. E uma tarde roubei do jardim da embaixada, e o policial me correu e disse saco de merda, mas eu corri mais e me veio asma. Mas quando cheguei ao parque, quando cheguei à fonte, já havia passado a asma, mesmo que ainda me saltasse o coração, e então me aproximei e dei a ela a rosa e ela primeiro me olhou surpreendida, logo piscou e em seguida arremessou a rosa na água da fonte.

PEDRO

Eu queria ser vagabundo e aos treze fugi de casa. E caminhei toda a manhã e me sentia eufórico, livre, feliz. E como tinha no bolso um troco que era da mãe, ao meio-dia comprei dois sanduíches de presunto e queijo, e uma cerveja. E à tarde, devido ao sol tão forte, acabei dormindo na praça e só acordei com a sirene dos bombeiros. Mas eles passaram à distância e eu caminhei e caminhei, com cachorros me seguindo e sem cachorros, e então começaram a me doer os joelhos e se acenderam os faróis da rua, e quando estava a ponto de chorar a mãe me viu da calçada da frente e gritou filhinho e aí terminou minha carreira de vagabundo.

CAPITÃO

Andrés me seguia a todas as partes porque me odiava, e eu percebia esse ódio tão intensamente que não podia menos que odiá-lo também. E um dia não pude mais e dei a volta, e o enfrentei, e então ele também deu a volta e saiu disparado. E então eu comecei a segui-lo e nos odiávamos intensamente, mas ele nunca deu a volta nem me enfrentou.

PEDRO

Vinha todas as tardes à biblioteca e se sentava a estudar matemática. Eu estudava história, mas na realidade não estudava nada porque eu ficava olhando ela de canto de olho e tratando de investigar se ela também me olhava de canto de olho, mas nunca coincidíamos nas investigações, assim que passamos todo um semestre olhando se nos olhávamos. Até que uma tarde Aurora...

CAPITÃO

Pseudônimo Beatriz...

Ainda que o CAPITÃO o tenha dito mecanicamente, é como se assim se rompesse um encanto.

PEDRO

Está bem, o senhor sabe tudo, capitão, mas isso não vai impedir que eu esteja morto. E também sei algo mais. Por exemplo, que vocês sabem que ela não sabe, mas imaginam que eu sei.

CAPITÃO

Igual podemos trazer-la.

PEDRO

Mais uma razão para estar morto. Quanto antes melhor. Os mortos não são chantageáveis.

CAPITÃO (depois de uma pausa grande)

Por que será que me caís bem apesar das besteiras que dizes?

PEDRO

Será que tu gostas das besteiras?

CAPITÃO

Não, não é isso. O que passa é que o senhor... (Se interrompe, surpreendido, dá uns passos no cômodo.) Senhor? E agora por que, assim de repente, deixei de te

chamar de tu? (Pela primeira vez PEDRO sorri.) Não, não ria. Senti logo que devia tratá-lo de senhor. Nunca me havia passado isso.

PEDRO (sempre sorrindo)

Não te preocupes. Em compensação, eu vou te tratar por tu.

CAPITÃO (concorda com a cabeça)

Está bem. Parece-me justo.

PEDRO (Entusiasmado)

Partimos?

CAPITÃO

Claro.

PEDRO

Comece.

CAPITÃO

Não, comece o senhor.

PEDRO

E eu já te disse que estou morto? Ah, sim, te disse quando ainda não te tratavas por tu. Bem, mas antes de bater as botas, quero desentranhar algo que para mim é um mistério.

CAPITÃO

Ah. E eu que tenho a ver?

PEDRO

Tens que ver, como não. Quero desentranhar o mistério de como um homem pode se não é um louco, se não é um monstro, converter-se em torturador. (Pausa) Perceba que estou morto, ou seja, que não vou contar a ninguém. É só para mim.

CAPITÃO (falando lentamente)

Eu não sou isso.

PEDRO

Ah não?

CAPITÃO

Já expliquei.

PEDRO

Mas pra mim pouco importa a tua explicação. Tu sabes o que és. (Pausa.) Me conta como aconteceu isso. Trauma infantil? Convicção profunda? Alienação passageira? Preparação em Fort Gulick?

CAPITÃO (encolhendo os ombros)

Bom, sou anticomunista.

PEDRO

Sim, eu imagino. Mas não serve como explicação. No mundo há milhões de anticomunistas que não são torturadores. O Papa, por exemplo.

CAPITÃO

Nem todos se realizam. (Ri como se o dito fosse piada).

PEDRO

De acordo, nem todos se realizam. Mas tu, por que te realizastes?

CAPITÃO

É uma história longa e lenta. Nenhum trauma infantil. Nem todo o mal acontece na vida devido a traumas de infância. Mais uma pequena mudança depois de outra pequena mudança. Nenhuma convicção profunda. Mais uma pequena tentação depois de outra pequena tentação. Econômicas ou ideológicas, pouco importa. E tudo de pouco em pouco. É certo que o último impulso me deu em Fort Gulick. Ali me ensinaram, com breves e suportáveis torturinhas que sofri em carne própria, onde residem os pontos sensíveis do corpo humano. Mas antes me ensinaram a torturar cachorros e gatos. Antes, antes, sempre tem um antes. É algo paulatino. Não creia que de repente, como por mágica, alguém se converte de bom moço em monstro insensível. Eu não sou um monstro insensível, não o sou ainda, mas, em troca, já não me recordo de quando era bom moço. (Pausa.) E por que lhe conto todas essas coisas? Por que faço do senhor meu confidente?

PEDRO

Sempre é tarde quando a sorte é ruim.

CAPITÃO

As primeiras torturas são horríveis, quase sempre vomitava. Mas na madrugada que você deixa de vomitar, aí sim está perdido. Porque quatro ou cinco madrugadas depois começa a desfrutar. O senhor não vai acreditar...

PEDRO

Eu acredito em tudo, não te preocupes.

CAPITÃO

Não, o senhor não vai acreditar, mas uma noite em que estávamos torturando uma garota, não muito linda, torturando-a, se dá conta?

PEDRO

Claro que me dou conta. E ela gritava enlouquecida e se agitava e se agitava... (Se detem).

PEDRO

E o que houve?

CAPITÃO

Não vai me acreditar, mas logo me dei conta que eu tive uma ereção. Nada menos que uma ereção, nessas circunstâncias. Não lhe parece horrível?

PEDRO

Sim, me parece.

CAPITÃO

E o pior foi que no dia seguinte, ao me deitar com minha mulher, não podia... E comecei a ficar nervoso... E não conseguia...

PEDRO

Mas no fim conseguistes, verdade?

CAPITÃO

Sim, como sabe?

PEDRO

Sempre se consegue.

CAPITÃO

Mas eu só consegui quando coloquei toda minha força evocativa na garota da véspera, que não era tão linda. Não é espantoso? Só consegui funcionar com minha mulher quando me lembrei da garota que se retorcia porque a torturávamos. Como se chama isso? Deve ter uma denominação científica.

PEDRO

O nome é o de menos.

CAPITÃO

É por isso que não posso voltar atrás, é por isso que não posso ceder. É por isso que tenho que fazer que fale. Já andei muito trecho por esse caminho. Compreende agora? Compreende por que vai ter que falar?

PEDRO

Compreendo que tu queres que eu compreenda.

CAPITÃO

Por isso tive que tratá-lo de senhor. Porque se seguia tratando por tu, não ia poder.

PEDRO

Queres que te diga uma coisa? De nenhuma maneira vais poder, capitão. Nem me tratando de senhor, nem de tu, nem de vós, nem de sua senhoria. Vês? Essa é a vantagem que tem o não. Sempre é não e nada mais que não. Ouvistes bem, capitão? Não! Ouviu capitão? Não! Ouviu-me, capitão? Não!

PARTE 4

O mesmo cenário.

Sobre o chão está Pedro, ou pelo menos o corpo de Pedro, imóvel, com capuz. Em um instante começa a ouvir gemidos muito fracos. Entra o Capitão, sem paletó e sem gravata, suado e despenteado.

Capitão

Ah, te trouxeram antes do tempo (toca o corpo com um pé) Pedro. (O corpo não dá sinal de vida). Vamos, Pedro, temos que trabalhar. (Vai até o lavabo, molha a toalha, espreme um pouco, se aproxima do corpo estendido, se inclina sobre ele, tira o capuz, e fica evidentemente impressionado ante o estado calamitoso do rosto de Pedro. Se sobrepõe, sem demora, e começa a limpar-lhe as feridas da cara com a toalha um pouco úmida. Lentamente, Pedro começa a se mover). Pedro.

Pedro

Ah? (Abre um olho, mas parece não reconhecer o Capitão).

Capitão

O que acontece? Se sente melhor?

Pedro

Ah?

Capitão

Pedro. Reconhece-me?

Pedro (balbuciando)

Infelizmente sim.

O Capitão ajuda Pedro a sentar-se na cadeira, mas o preso não consegue se sustentar. Dessa vez o haviam destruído. O Capitão tira seu cinto e com ele prende Pedro ao encosto da cadeira. Aos poucos Pedro vai se reanimando, mas visivelmente está acabado. De todos os modos, sempre haverá uma contradição

entre a relativa vitalidade que mostra em seu rosto e o aspecto exausto de seu físico.

Pedro

É, Capitão?

Capitão

Claro. Como te deram dessa vez! Arrebentaram-te, Pedro, que barbaridade!

Pedro

Menos mal se já estivesse morto.

Capitão

Não te parece que chegou o momento de amolecer? Já se portou como um herói. Quem vai ser tão desumano para reprová-lo que fale agora?

Pedro (não responde, depois de um silêncio).

Capitão, Capitão.

Capitão

Que?

Pedro

O senhor nunca fala sozinho?

Capitão

Pode ser. Algumas vezes.

Pedro

Eu sim falo sozinho.

Capitão

E porque isso?

Pedro

Falo sozinho porque faz três meses que estou incomunicável.

Capitão

Como? Você conversa comigo.

Pedro

Isso não é conversar.

Capitão

E o que é?

Pedro

Merda, isso é. (pausa) Converso sozinho porque tenho medo de esquecer-me de como se fala.

Capitão

Mas fala comigo.

Pedro.

Não me refiro a falar com o inimigo. Refiro-me a falar com um companheiro, com um irmão.

Capitão.

Ah.

Pedro

Capitão, capitão.

Capitão

Que acontece agora?

Pedro

Não se sente as vezes que flutua no ar?

Capitão

Francamente, não.

Pedro

Claro, não está morto.

Capitão

E você também não, mesmo que esteja fazendo méritos notáveis para está-lo.

Pedro

Pois eu às vezes flutuo. E é lindo flutuar. Então, vou até a costa.

Capitão

Não vai a lugar nenhum. Nem a costa nem a parte alguma. Está enterrado aqui.

Pedro.

É isso. É isso. Enterrado, claro, por que estou morto. Mas quando flutuo, vou à costa. É claro que não vou todos os dias. Tem vezes que não tenho vontade de ir. Ontem tive vontade, e fui. Faz anos, quando ia à costa, não flutuando, mas sim caminhando, sempre via casais de namorados, mas agora já não estão lá. Agora estão lutando contra vocês. Agora estão presos, escondidos, ou no exílio (larga pausa). Como se chama sua esposa, Capitão?

Capitão. (entre os dentes)

Do que te importa?

Pedro

Vê? Dei-te a oportunidade de dizer espontaneamente. Mas eu sei que se chama Inês.

Capitão (surpreendido)

De onde você tirou isso?

Pedro

Já lhe disse que eu sei mais de você que você de mim. Inês. Mas não se preocupe. Também sei que não tem apelidos. Salvo que a chama Beba. Mas não é um nome clandestino. Que sorte, verdade? Hoje em dia não é bom ter um nome clandestino.

Capitão

Aonde quer chegar?

Pedro

Na minha morte, capitão, na minha morte.

Capitão

O que ganha em não falar? Que o arrebetem?

Pedro

Ou que me deixem de arrebetar.

Capitão

Não se engane. Não vão deixar.

Pedro.

Se me matam, me deixam. E eu morro.

Capitão

Mas é ruim morrer assim.

Pedro.

Nem tanto, se um ajuda, se um colabora.

Capitão (Esperançoso).

Está disposto a colaborar?

Pedro (pronunciando lentamente).

Estou disposto a ajudar a me matar. (Pausa)

Também estou disposto a ajudar que Inês te queira.

Capitão

Não se preocupe com isso. Ela me quer.

Pedro

Sim, até hoje. Porque não sabe exatamente em que consiste seu trabalho.

Capitão

Talvez o imagine.

Pedro

Não, não o imagina. Se o imaginasse, já havia te deixado. Ela não é má.

Capitão.

Não é má.

Pedro

E também quero ajudar-lhe que teus filhos (o casalsinho) não te odeiem.

Capitão

Meus filhos não me odeiam.

Pedro

Ainda não, é claro. Mas já te odiaram. Por acaso não vão à escola?

Capitão

Somente o menino.

Pedro

Mas a menina irá mais a frente. E seus coleguinhas informaram a um e a outro sobre quem são. Na primeira desavença que se arme, já o saberão. É lógico. E a partir dessa revelação, começaram a odiá-lo. E nunca o perdoarão. Nunca os recuperará. Nunca saberá se... (Não pode seguir falando. Desmaia).

No começo o Capitão não se aproxima. O olha sem encara-lo. Logo vai até o lavabo, enche um vaso com água, fica de frente a Pedro e lhe joga água na cara. Aos poucos Pedro recupera os sentidos.

Capitão

Não fantasie. Não morreu ainda. Seguimos frente a frente.

Pedro (recuperando-se)

Ah, sim, falando de Inês e do casalsinho.

Capitão

Basta disso!

Pedro

Capitão, porque não me mata?

Capitão

Você está louco! E quer me enlouquecer!

Pedro

Por que não me mata capitão? Será em defesa própria, te prometo. Além disso, queria fugir. A lei da fuga lembra-se? Coragem, capitão, tens a oportunidade de fazer a boa ação do dia.

Capitão

Que eloquente está hoje.

Pedro

Cansei-me de tanto silêncio. Além do mais, é o interlocutor ideal.

Capitão

Eu?

Pedro

Sim, por que tens peso na consciência. É muito estimulante saber que o inimigo tem peso na consciência. Por que tudo isso que disse, de não ter nascido carrasco, tudo isso não conta nada. Trabalhou de “mau” há muito tempo, em um passado não tão distante. Conhecemos-te capitão. Ou seja, devem fazer os capuzes mais grossos. Sempre há alguém que vê alguém. E eu, por exemplo, não conheço só o nome de sua mulher. Também sei o seu. E até o seu apelido (pseudônimo).

Capitão

Está louco! Eu não tenho apelido (pseudônimo)!

Pedro

Tem sim. Só que o seu apelido não é um nome, e sim um cargo. Teu apelido é um cargo de capitão. E você é coronel. É coronel, capitão. Das duas uma: ou nos tratamos de Rômulo e Capitão, ou nos tratamos de Coronel e Pedro. O que acha capitão? Ou coronel?

Capitão (que retruca o golpe)

Sabe de uma coisa? O senhor é mais cruel que eu.

Pedro

Por quê? Por que te aplico o mesmo tratamento? Não é para tanto. Além disso, tens, todavia, o poder, a arma elétrica, a piscina com merda, a planta. Eu não tenho nada. Exceto minha recusa.

Capitão

E te parece pouco?

Pedro

Não, não me é pouco. Mas com minha recusa...

Capitão

Fanática...

Pedro

Sim, com minha negação fanática, desapareço, deixo-te o campo livre. Melhor dito, o cemitério livre.

O Capitão está como vencido. Também Pedro está terrivelmente cansado. Finalmente, o Capitão levanta o olhar. Fala desfiguradamente.

Capitão

Não, Pedro, o senhor não é cruel. Peço-te desculpas. E já que não é cruel, vai compreender. Disse que quer que eu salve o amor de minha mulher e de meus filhos.

Sem responder ao que o Capitão disse, Pedro começa a falar, e o faz sem grande consciência do que há em sua volta.

Pedro

Nunca falara sozinho, Capitão? Agora estou aqui, contigo. Mas também vou falar sozinho. Passo a passo aprenderá como se fala em tais condições. Anote Capitão. Isto é um ensaio de como se fala sozinho. (Pausa). Veja Aurora...

Capitão

Aliás, Beatriz...

Pedro (como se não escutara o Capitão)

Veja Aurora, estou perdido. E sei que você, esteja onde estiver também está perdida. Mas eu estou morto e você, ao contrário, está viva. Aguento tudo, tudo, menos uma coisa: não ter a sua mão. É o que mais sinto saudade: tua mão suave, grande, teus dedos finos e sensíveis. Creio que é a única coisa que me prende à vida. Se antes de partir me dessem um só favor, pediria isso: ter tua mão durante três, cinco, oito minutos. Estamos bem, Aurora...

Capitão (com a garganta apertada)

Aliás, Beatriz...

Pedro

Você e eu. Você e eu sabemos o que significa confiar um no outro. Por isso queria tua mão: porque seria a única forma de te dizer que confio em você, seria a única forma de saber que confias em mim. E também demorar um pouco pensando em confianças passadas. Lembra-te daquela noite de março, faz quatro anos, na praia perto de teus velhos? Lembra que ficamos duas horas, deitados na areia, sem falar, olhando a Via Láctea, como quem olha um teto? Recordo que comecei a mover minha mão sobre a areia perto de você, sem te olhar, e percebi que sua mão vinha até mim. E na metade do caminho elas se encontraram. Observe que este é a lembrança que mais me lembro. Também teu corpo, tua pele, também tua boca. Como não lembrar isso? Mas aquela noite na praia é a imagem que me lembro mais. Aurora...

Capitão (soluçando)

Aliás, Beatriz...

Pedro

O André disse-o há pouco tempo. Não o ferira brutalmente com a notícia. Isso marca qualquer infância. Explique devagar e desde o princípio. Somente quando esteja segura de que entendeste um capítulo, somente então comece a contar o outro. Paulatinamente, sem ferir-lo, faça-o compreender que isto não foi um estalo emocional, nem um palpite, nem uma bronca repentina, e sim uma decisão madura, um processo. Explica-o bem, com as palavras ternas e exatas que constituem teu melhor estilo. Diga-o que não tem por que aceitar tudo, mas que tem a obrigação de compreender. Sei que o deixar agora sem pai é como uma agressão que cometo contra ele, ou por menos assim pode chegar a sentir-se, não sei se hoje, mas caso algum dia ou em alguma insônia. Confio em teu notável poder de persuasão para que o convença de que com minha morte não o agrido, sem que, ao meu modo, trato de salvá-lo. Podia salvar minha vida se contasse, e não contei, mas se contasse então sim que ia a destruir-lo. Hoje melhor ainda portou-se contente de que papai voltara para casa, porém nove ou dez anos depois estaria dando com a cabeça contra a parede. Diga-o, quando possa entendê-lo, que eu quero, enormemente, e que minha única mensagem é que não me traia. Vai dizê-lo? Mas, isso sim, ensaie várias vezes, assim não chorará quando dizê-lo. Sem chorar, pede força ao que diz. Está de acordo, verdade? Alguma vez que você e eu nos falamos

estas coisas, quando a vitória parecia verossímil e perto. Eu não a verei e é uma lástima. Mas você e André se a virem já é uma sorte. Agora me dá a mão. Tchau, Aurora...

Capitão (chorando, histérico).

Aliás, Beatriz!

Faz-se um grande silêncio. Pedro, depois de esforçar-se, ficou esgotado. Talvez tenha perdido novamente os sentidos. Seu corpo se inclinou até ficar encostado; Não cai, somente porque o cinto o prende a cadeira.

O Capitão, em sua parte, também está desarrumado, mas sua deterioração tem, evidentemente, outro símbolo e isso deve ser notado. Tem a cabeça entre as mãos e por um momento ouvem-se seus gemidos.

Logo, pouco a pouco vai se recompondo, e ainda que Pedro esteja aparentemente inconsciente, começa a falar com ele.

Capitão

Pedro, você está morto e eu também. De mortes distintas, claro. A minha é uma morte de armadilha, de emboscada. Caí numa emboscada e já não é possível voltar. Estou encurralado. Se eu te dissesse que não posso abandonar isso, você me diria que é natural porque seria abandonar o conforto, dos bens materiais e etc. E não é assim. Tudo isso o deixaria sem remorsos. Se não o deixo é porque tenho medo. Podem fazer comigo o mesmo que te fazem. E você certamente me diria: “Bem, já se vê, pode aguentar-se”. Você sim pode aguentar, porque tem no que crer, tem no que se erguer. Eu não. Mas dentro da minha impossibilidade de resgatar-me, resta-me uma solução intermediária. Já sei que Inês e os garotos podem um dia chegar a odiar-me, se conhecerem com luxo de detalhes do que disse e do que fiz. Porém se tudo isso que te faço, ainda por cima, sem conseguir nada, como tem sido em teu caso até agora, não tenho justificativa plausível. Se você morre sem dizer um só dado, para mim é a derrota total. Se em troca disser algo, haverá também algo que me justifique. Então minha crueldade não será gratuita, mesmo que cumpra seu objetivo. É tudo que peço, que te suplico. Já não há quatro nomes e sobrenomes, senão um somente. E pode escolher: Gabriel, Rosário, Madalena ou Fermín. Só um

o que menos signifique para você; aquele que você tenha menos afeto, também o que seja menos importante. Não sei se me entende: aqui não estou pedindo-lhe uma informação para salvar o regime, sim um dado para me salvar, ou melhor, para salvar um pouco de mim. Estou pedindo-te a medíocre justificativa da eficácia, para não ficar perante Inês e os garotos como um sádico inútil, e sim como um rastreador eficaz, como um profissional competente. Do contrário, perco tudo. (O Capitão dá alguns passos até Pedro e cai de joelhos diante dele.) Pedro, temos pouco tempo, muito pouco tempo. A você e a mim. Mas você se vai e eu fico. Pedro, isto é um súplica de um homem abatido. Você não é desumano. Você é um homem sensível. Você é capaz de gostar das pessoas, de sofrer pelas pessoas, de morrer pelas pessoas. Pedro, te suplico, diga um nome e um sobrenome, nada mais que um nome e um sobrenome. A isto se reduziu toda a minha existência. O mesmo acontecerá com seu triunfo.

Pedro se move um pouco. Tenta endireitar-se, mas não pode. Faz mais um esforço e finalmente se ergue. O Capitão apela para um recurso desesperado.

Capitão

Se eu pedir a Rômulo. Se eu suplicar para Rômulo. Ajoelho-me diante de Rômulo! Rômulo vai me dizer um nome e um sobrenome? Vai me dizer apenas isso?

Pedro (com muita aflição)

Não... Capitão.

Capitão

Então se eu pedir para Pedro, se eu suplicar para Pedro. Ajoelho-me diante de Pedro! Apelo não ao nome clandestino, e sim ao homem. De joelhos suplico ao verdadeiro Pedro.

Pedro (abre bem os olhos, quase agonizante)

Não! Coronel!

As luzes iluminam o rosto de Pedro. O Capitão, de joelhos, fica na sombra.